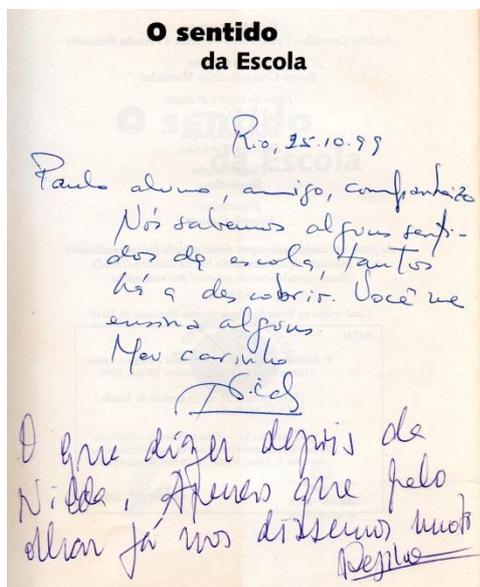


OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DO SENTIDO DA ESCOLA

Paulo Sgarbi



A imagem ao lado é a página do meu livro *O sentido da escola*, onde, no dia do seu lançamento – e também da coleção que tem o mesmo título – as amigas e organizadoras [do livro e da coleção] Nilda Alves e Regina Leite Garcia me deram os seus autógrafos, que mostro, sempre com muito orgulho. Nas palavras da Nilda, vejo o sentido dessa coleção, que é o de compartilhar os sentidos que cada um de nós, que vivemos a escola de variadas e diferentes maneiras, temos inventado [inventar no sentido que atribui von Foerster (1996, p. 71)]. “Nós sabemos alguns sentidos da escola, tantos há a descobrir.”, me diz Nilda e me mostra, com essa

frase, o próprio movimento que gera as nossas também variadas e diferentes maneiras de conversar sobre os nossos sentidos de escola que dialogam na coleção.

Cada um dos volumes traz conversas tecidas entre as teorias e as práticas tendo a experiência [a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. (LARROSA, 2002, p. 21)] como tom das conversas, das quais participam caminhantes de muitos caminhos já caminhados e outros de menos passos, sem que a quantidade de caminho percorrido implique menos qualidade nas narrativas de suas caminhadas.

Foram seis anos de muitas conversas por escrito, de 1999 a 2004, totalizando 30 volumes, 223 artigos, 7 entrevistas e 1 montagem, envolvendo 203 *conversadoresescritores* [sem contar que vários de nós se metem em várias conversas]. Por isso, essa resenha será tecida “costurando” os textos pelos títulos e autorias para trazer o debate de cada um dos 30 volumes, vários deles com mais de uma edição.

E começo, para não fugir a uma lógica bem-comportada, em 1999, com Nilda Alves e Regina Leite Garcia, por serem as organizadoras desse imenso *espaçotempo* de conversa sobre escolas, educações, professoras, professores, alunas, alunos e tantos outros sujeitos que vivem nos caminhos e descaminhos da educação brasileira e de outras paragens, quando elas declaram [na quarta contracapa da primeira edição do primeiro volume da coleção, *O sentido da escola*] que

esperam “trazer para a frente da cena aqueles que, cotidianamente, fazem **os sentidos da escola**”. Para começo de conversa, Nilda e Regina dizem sobre o que gostariam de conversar, e, para isso, convidam Silvio Gallo, que traz suas reflexões sobre *transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar*. Enriquecendo o debate, Nilda e Regina trazem, *do baú da memória, histórias de professoras*, e mostram que elas, cada uma a seu modo, conseguem *articular os saberes*, assunto sobre o qual Edgar Morin conversa de maneira bastante clara e elucidadora. Esquentando a conversa, Nilda e Regina mostram que, *atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo*, inserimo-nos no processo de *tecer conhecimento em rede*, ideia que Nilda retoma, enredando novos elementos ao assunto, e que se intensifica quando o amigo Carlos Eduardo Ferrazo discute *currículo e conhecimento em rede: as artes de dizer sobre as artes de fazer*, fechando essa primeira e inaugural conversa.

Também em 1999, um tema dos mais empolgantes é o trazido por Azoilda Loretto da Trindade e Rafael dos Santos: **multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. Azoilda começa a prosa *olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar*, e chama para uma conversa muito interessante Muniz Sodré, que fala, em entrevista, sobre *cultura, diversidade cultural e educação*. *Confundindo fronteiras: vozes da pedagogia libertadora africana nos Estados Unidos e Canadá* é o assunto que nos trazem Glória Ladson-Billing e Annette Henry, dando a dimensão de como algumas questões raciais se dão em *espaçostempos* estrangeiros. A conversa ganha em temperatura quando Rafael dos Santos faz a pergunta: *mas que história é essa?*, provocando Roseli Fischmann a discutir sobre *identidade, identidade-indivíduo, escola: passividade, ruptura, construção*. Mudando mais de uma vez de fronteira e trazendo um clima europeu, Massimo Canevacci faz uma interessante reflexão sobre *diversidade nômade e a mutação cultural*, enquanto Maria José Lopes da Silva nos conta um pouco do que tem pensado sobre *as exclusões e a educação*. Essa conversa sobre multiculturalismo é coroada quando Milton Santos faz reflexões importantes sobre *a era da inteligência baseada na máquina*, o que, ao invés de encerrar a conversa, é um convite para pensarmos mais sobre essas questões que envolvem as culturas atravessadas do mundo contemporâneo e que estão presentes nas escolas.

O fim do século XX trouxe, com ênfase, **o verde cotidiano: o meio ambiente em discussão**, assunto que tem em Marcos Reigota que faz a *apresentação* de seus convidados para esta conversa ao mesmo tempo que mostra a importância da educação ambiental. Chama, inicialmente, um pesquisador muito antigo, Pero Vaz de Caminha, cujo *proto-poema do achamento do Brasil* é “um dos documentos fundamentais para a compreensão de como nós brasileiros herdamos contrastantes costumes que influenciam nosso cotidiano” (p. 11). Compreendendo que

meio ambiente é um tema que pode e deve ser estudado por todas as áreas do conhecimento que tecem o cotidiano escolar, Marcos traz, como interlocutores, pessoas de diferentes áreas, como o historiador Ronald Raminelli, que nos apresenta questões interessantes sobre *a natureza da colonização do Brasil*. Tendo a educação ambiental como um forte foco do debate, convida as pedagogas Genoveva Chagas de Azevedo – que nos mostra o *uso de jornais e revistas na perspectiva da representação social de meio ambiente em sala de aula* – e Marlene Osowski Curtis, que nos faz compreender que o *museu é um tesouro a ser descoberto...* A contribuição do analista de sistemas Fernando Moraes Fonseca Júnior se faz presente apresentando *a incerteza do mundo e você amanhã*, num outro meio ambiente de “relações virtuais” em meio a artefatos tecnológicos. Enrique Leff é “uma referência internacional sobre as questões ambientais” (p. 10) e traz, falando de *educação ambiental e movimento sustentável*, uma reflexão sobre a atuação das professoras e dos professores dessa área. Ampliando a abrangência do debate, o biólogo Philippe Pompier Layrargues aborda o tema a partir da produção brasileira contrapondo-se às propostas globais, trazendo a pergunta: *a resolução de problemas ambientais locais devem ser um tema-gerador ou a atividade-fim da educação ambiental?*, abrindo um novo convite a que continuemos a discutir questões educativas em torno do meio ambiente.

Entrando mais fortemente nos processos educativos, Maria Teresa Esteban convida professoras e professores para debater sobre **avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**, e começa por nos dar uma visão interessante da *avaliação no cotidiano escolar* como discussão fundamental para melhor compreendermos a construção do sucesso/fracasso escolar, assunto que nos apresenta, de maneira brilhante, Regina Leite Garcia, quando reflete sobre *a avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso*. Essa conversa fica mais apimentada quando o mexicano Ángel Díaz Barriga traz *uma polêmica em relação ao exame*, mostrando a procedência e alguns equívocos ao estabelecermos uma relação direta de qualidade entre o sistema de exames e o sistema de ensino. Já o professor e pesquisador português Almerindo Janela Afonso se debruça sobre *escola pública, comunidade e avaliação: resgatando a avaliação formativa como instrumento de emancipação*, pensando nas relações entre o Estado, com suas políticas para a educação e, portanto, para os processos avaliativos, e as escolas e suas práticas pedagógicas, enfatizando a avaliação formativa como possibilidade maior de instrumento de emancipação. Por outro caminho, Corinta Maria Grisolia Geraldi, ao mostrar que *a cartilha Caminho Suave não morreu*, e que o MEC lança sua *edição revista e adaptada aos modelos liberais*, nos leva a pensar as relações entre Estado e educação, e que o projeto neoliberal de educação passa, necessariamente, por um modelo bem marcado de avaliação. Quem entra na conversa e nos apresenta uma experiência que pode ser um

caminho para novas possibilidades de educação é Jussara Margareth de Paula Loch, ao nos mostrar como é a *avaliação na escola cidadã*, experiência vivida pela rede municipal de Porto Alegre nos anos noventa do século passado.

Afinal, que país é este? Com essa pergunta, Pedro Cláudio Cunca Bocaiúva e Sandra Mayrink Veiga promovem um debate dos mais acirrados sobre os caminhos da política que, direta ou indiretamente, afetam os sistemas educativos do nosso país, e começam, eles próprios, a trazer as *características do modelo de desenvolvimento brasileiro*, enquanto Ricardo Henrique Salles mostra *o Brasil num olhar*. Em entrevista, Carlos Nelson Coutinho apresenta argumentos que mostram a *democratização como um valor universal*, ao passo que Francisco de Oliveira apresenta os processos de *reforma e contrarreforma do Estado no Brasil*, o que vem acompanhado de um *pequeno glossário de termos da apartação* preparado por Cristóvam Buarque. Com seus *apontamentos para pensar as formas atuais de exclusão*, Virgínia Fontes faz uma discussão sobre democracia e cidadania, abrindo espaço para que Cunca, finalizando essa conversa, teça suas considerações *para além da crítica ideológica do neoliberalismo*.

Essa conversa sobre democracia mobiliza João Baptista Bastos a convidar pessoas para pensar a questão da **gestão democrática** nas/das escolas, e inicia com uma visão geral da *gestão democrática da educação: as práticas administrativas compartilhadas*, mostrando os atores sociais, as temáticas principais e em que espaços sociais esse debate vem acontecendo. Chico Alencar traz, então, o que ele pensa serem *cinco enganos e a cidade democrática*, mostrando que “a grande cidade é uma confusão, vivemos no caos urbano”, ao mesmo tempo em que “a cidadania é uma noção que nem todos assimilam” e indicando, ainda, que “democracia e socialismo não têm a ver com o cotidiano da escola”. Fecha as suas reflexões mostrando que *o Estado não pode fazer nada* [e que] *a escola não muda a sociedade*. Marília Pontes Spósito, por sua vez, faz suas considerações para mostrar que a democratização efetiva do ensino público pressupõe pensar *educação, gestão democrática e participação popular*, e que é fundamental uma redefinição do que seja participação e a sua relação com a tutela estatal da educação. Ampliando essa discussão, Vitor Henrique Paro apresenta uma questão muito instigante: *administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?* Assim, alia a questão da participação à da qualidade do ensino, e abre espaço para que, ampliando as instâncias de participação, Juçara da Costa Grácio e Regina Célia Ferreira Aguiar falem sobre o *grêmio estudantil: construindo novas relações na escola*. Tarso Genro pontua, então, que a redução da força dos Estados nacionais e o aumento de problemas das cidades decorrente do processo de urbanização crescente trazem, como questão fundamental, a relação entre *orçamento participativo e democracia*, mostrando a experiência de

orçamento participativo da cidade de Porto Alegre iniciado no final da década de oitenta do século passado. *Gestão democrática e escola pública: uma leitura de seus condicionantes subjetivos* é o tema que Maria Lúcia de Abrantes Fortuna traz para a conversa, mostrando, em síntese, a importância dos processos de escolha democrática dos dirigentes escolares. Antônio Eugênio do Nascimento, contando a experiência do município de Angra dos Reis (RJ), mostra uma *gestão democrática que começa na sala de aula*, analisando o processo de discussão e implantação, erros e acertos e avaliando os primeiros resultados dessa experiência.

Pensar a **democracia no cotidiano da escola** é a proposta que nos faz Inês Barbosa de Oliveira, que começa a conversa por uma discussão *sobre a democracia*, em que procura “em primeiro lugar, definir o que seriam os avanços democráticos e, em segundo lugar, encontrar elementos que permitam desenvolver uma concepção satisfatória de democracia” (p. 13) e como se dá, de uma maneira geral, a produção da democracia na escola, assunto que se adensa quando José Gonçalves Gondra, ao fazer uma “gênese dos colégios de aplicação na história da sociedade” (p. 35), discute *excelência e exclusão*, aprofundando suas reflexões a partir do colégio de aplicação da Uerj. É nesse ponto que o amigo Jean Houssaye procura pensar *as facetas do poder* que estão presentes nas práticas pedagógicas em contextos educativos, mostrando o poder como violência simbólica, como dispositivo a assumir, como embate direto na relação professor-aluno, pensando, também, no poder dos responsáveis da instituição escolar e, ainda, como negociação com as figuras da autoridade. Entro na conversa com a pergunta *avaliar é praticar democracia?*, pensando em como as práticas avaliativas podem ser ou não procedimentos democráticos. Com uma entrevista com os professores Andrea Paixão Fernandes, Américo Homem da Rocha Filho e Maxwell Monteiro Bastos, Inês Barbosa arremata essa nossa conversa sobre *a democracia no cotidiano da escola*.

Ainda pensando nos espaços escolares, Paulo Cesar R. Carrano convoca alguns amigos para conversar sobre **futebol: paixão e política**, promovendo um *bate-bola inicial* com Nilda Alves e Regina Leite Garcia, em que fica evidente a deliciosa conversa que se vai travar sobre o assunto, que começa quando Victor Andrade de Melo mostra um pouco do *futebol: que história é essa?!* desde o berço inglês à sua chegada ao Brasil, e como o esporte, em nosso país, chega às pessoas pela escola. E a conversa continua quando Jocimar Daolio nos mostra um pouco *as contradições do futebol brasileiro* e a presença marcante deste esporte na cultura brasileira. A conversa toma outro rumo quando Paulo Carrano e Marcos Gomes se encontram com o jornalista esportivo Juca Kfourri, que traz informações valiosas sobre o cotidiano e os bastidores do futebol. Inês Barbosa de Oliveira toma de empréstimo a Glauber Rocha o mote de sua conversa e traz, em *futebol: os santos*

guerreiros contra os dragões da maldade, como o futebol acontece em sua vida, apaixonada pelo esporte e pelo nosso glorioso Fluminense, e conta alguns episódios para “discutir algumas questões centrais da história desse fascinante esporte” (p. 12) e abordar algumas inquietações da relação do futebol com a escola. *Pode a mulher praticar futebol?* Com essa pergunta, Silvana Vilodre Goellner traz uma palpitante discussão sobre gênero, mostrando sua compreensão de como as escolas vêm tratando dessas questões. Paulo Carrano se apresenta, então, com outra discussão quente que bem caracteriza o futebol de hoje, que é a mercantilização do esporte, mostrando a intrincada rede que envolve o esporte e seus atletas. *Ronaldinho: ídolo esportivo ou mercadoria global? Depois do mundial, futebol em pedacinhos* é a forma bem-humorada com que o escritor uruguaio Eduardo Galeano aproveita para participar da conversa mostrando, por pedacinhos, sérias e importantes questões que marcam o futebol de nossos dias. Voltando o debate para o contexto educacional, *o ensino do futebol como arte coletiva: uma experiência do Clube Escolar* é uma conversa de Paulo Carrano com Gilmar de Magalhães Couto, em que o professor conta a sua experiência com o futebol no Clube Escolar do Fundão e como tem sido sua prática pedagógica no projeto. *O jogo do povo* fecha essa rodada de conversas sobre futebol trazendo uma reportagem do jornalista e escritor Salman Rushdie, publicada no caderno *Mais*, da *Folha de São Paulo*, em 25/07/1999.

Educação e saúde do ponto de vista popular é o tom da conversa que Victor Valla faz procurando compreender a fala das classes populares sobre **saúde e educação**. *Os movimentos sociais no setor de saúde: um esvaziamento ou uma nova configuração?* é a pergunta que Eymard Mourão Vasconcellos faz para discutir a trajetória desses movimentos, o que se enreda com a temática que Mônica Peregrino traz ao mostrar *uma questão de saúde: saber popular e saber escolar nas entranhas das escolas*. Ainda pensando os processos educativos, Ana Cláudia de Souza Fonseca reflete sobre a relação entre *ensino de ciências e saber popular* e como essa questão é trabalhada nas escolas. Saltando as fronteiras escolares e geográficas, John L. McKnight apresenta um estudo sobre *saúde comunitária numa favela de Chicago*.

Com o tema *movimentos sociais – escola – valores*, Regina Leite Garcia inaugura outra conversa que mostra como estamos sempre **aprendendo com os movimentos sociais**. Tendo como foco o cotidiano escolar, Maxwell Monteiro Barros faz uma reflexão interessante sobre *espaços de formação do profissional da educação: saberes e movimento em rede*, mostrando que mudanças necessárias para as escolas que temos se fazem com mudanças nos professores que são formados, como bem contribui Roberto Vêras com suas *notas sobre educação participativa em um contexto de mudança social*, abrindo a conversa para que Sonia Latgé Mileard de Azevedo mostre o *sindicato: um lugar de aprendizagem*. A partir do jornal mexicano *La Jornada*, de 14 de fevereiro

de 2000, e da edição especial Processo, n. 5, de 01 de dezembro de 1999, é feita uma montagem mostrando a *greve... um recurso ainda revolucionário*, que antecede uma última intervenção sobre *o retorno dos sujeitos coletivos*, feita por Pedro Claudio Cunha Bocayuva.

Redirecionando o debate, Regina Leite Garcia pergunta: *múltiplas linguagens na vida: por que não na escola?* Essa questão provoca inúmeras participações e bem diversificadas, dando conta mesmo de **múltiplas linguagens nas escolas**, a começar por Christiane Reis Dias Villela Assano, que nos traz *um pequeno divertissement de garrafas, sapatos e cacarecos*, que é seguido de outra abordagem imagética quando Kita Eitler traz para a conversa *questões sobre a fotografia: olhando o mundo pelo buraco do alfinete*. Beto, que é também conhecido como Carlos Roberto de Carvalho, nos fala um pouco sobre *por que precisamos tanto de poesia*, que instiga Lygia Segala a trazer outra possibilidade de linguagem quando nos fala sobre *a traça, a traça e o forrobodó: folclore e cultura popular na escola*. Lembrando Einstein quando diz que “a imaginação é mais importante que o conhecimento, pois ele é limitado, enquanto a imaginação pode abranger tudo o que existe no mundo, incentiva o progresso, é fonte de evolução e, no sentido estrito, é fator real de investigação científica”, que contagia toda essa conversa sobre linguagem, Regina Yolanda nos mostra um pouco de *artes visuais na escola*, assunto que chama outro bem interessante que nos é trazido por Antônio Leal: *teatro na escola: da clausura à libertação*.

Retomando o fio inicial da coleção, Nilda Alves e Regina Leite Garcia propõem que conversemos sobre **a invenção da escola de cada dia**, e chamam, inicialmente, Jerônimo Marque de Jesus Filho, que fala de relações de poder existentes nas escolas e como essas relações são instituídas na invenção do mundo pela linguagem. Continuando com essa linha de pensamento, Márcia Medeiros de Souza, *utilizando a linguagem para compreender o cotidiano da escola*, dá um belo passeio por cenas cotidianas de escolas, passeio que se completa quando Rejany Dominik, entre grêmios e discussão de gênero, mostra que *os “movimentos” provocam movimento*. Nora, que na formalidade é Eleonora Barrêto Taveira, com toda sua experiência e trazendo “causos” de seus alunos, faz uma reflexão da maior importância: *saberes de alunos e alunas do ensino regular noturno: questão para a escola?* É quando Virgínia de Oliveira Silva, contando um pouco dos estudos que tem feito, fala sobre *formação de leitores e modos de leitura dos profissionais da Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis*, mostrando outro *espaçotempo* de aprendizagem que não a sala de aula. De outra maneira, contando sua experiência como professora de desenho, Simone da Hora Macedo mostra *a prática de reuniões dialógicas como maneira de ação dentro de um processo pedagógico*, provocando uma reflexão interessante sobre a conversa como possibilidade rica em aprendizado, conversa essa que, mostrando várias invenções cotidianas

nas escolas, provoca Carlos Augusto Alves Duarte a contar sua *trajetória não docente: de vigilante a professor – de vigilante e professor a educador*, em que discute as múltiplas funções educativas dentro das escolas.

A apresentação de Valter Filé já adianta uma conversa repleta de **batuques, fragmentações e fluxos**, com questões trazidas pela televisão, pelo vídeo, enfim pela linguagem audiovisual para o cotidiano das escolas. É Luciana Lobo Miranda quem inaugura o debate trazendo a TV Maxambomba em um dos seus muitos projetos para Baixada Fluminense, mostrando uma possibilidade de *protagonismo juvenil: fragmentos de um olhar*. Voltando-se um pouco mais para os processos escolares, Nilda Alves levanta a discussão de uma formação de professores que inclua os meios digitais e eletrônicos como um direito destes professores, provocando Marcos Alvito a falar de uma outra formação, a dos sambistas, *puxando conversa* com vários deles e trazendo o registro da memória do samba carioca plantado pelo amigo Valter Filé. Essa conversa se desenvolve pelos desafios impostos pelo ecossistema comunicativo às práticas educacionais, quando, então, Francisca Elizabeth Alves da Silva resolve colocar *a televisão em seu devido lugar*, falando um pouco dos “lugares” da televisão e de algumas possibilidades de relação com essa mídia. Ainda tendo como fundo diferentes experiências de uso para a linguagem audiovisual, Valter Filé encontra o documentarista Eduardo Coutinho para uma entrevista em que muitas temáticas são conversadas mostrando *os dois lados da câmera*. Alertando para o fato de estar nos provocando a pensar, Jesús Martín-Barbero fala sobre *novos regimes de visualidade e descentramentos culturais*, adensando a conversa e pensando a “deslocalização dos saberes e esquizofrenia cultural do sistema e da prática escolar” (p. 94), apontando, ainda, “novos usos da imagem e novas figuras de razão” (p. 99). Considerando que essa conversa tem *o tamanho do mundo*, Valter Filé nos traz “algumas imagens/sons da nossa história”, elucidando, por um lado, as grandes redes de informação e comunicação e, por outro, colocando em debate “outra questão que dorme sob meu travesseiro e acredito também que acorde muita gente: como meu/nosso trabalho, minha/nossa intervenção pode atar-se com questões planetárias”. Papo vai, papo vem, *uma memória puxa a outra*, e Eliana Nóbrega de Oliveira nos apresenta as conversas com moradores do Frade, uma localidade de Angra dos Reis, Rio de Janeiro, mostrando o trabalho de (re)construir a história de uma escola pelas narrativas registradas em vídeo pelos alunos da própria escola.

Puxando um fio, Geni Amélia Nader Vasconcelos puxa uma conversa em que professoras – eu fui único homem a entrar na conversa – contam **como me fiz professora**. Regina de Fátima de Jesus começa dizendo que, *sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... hoje, sou professora*. É a questão da identidade docente colocada sob seu olhar a partir da sua vivência, que é

seguida quando Maria Zita Ferreira pergunta: *ser negra, ser mulher, ser nordestina. Afinal, como me fiz professora?* Mostra como se foi instituindo professora pela superação dos inúmeros obstáculos que a vida lhe impôs, enfatizando: “Ser negra, ser mulher, ser nordestina. Afinal, foi este o caminho que me fez professora” (p. 59). *Como tenho me formado professora?* é a pergunta que Margarida dos Santos faz para contar a história de fuga de uma vida nordestina de muita dificuldade iniciada por sua mãe e sua trajetória para se tornar uma professora alfabetizadora, e mais, como essa formação vem continuando sempre, por quais caminhos tem andado nessa busca. É quando eu entro na conversa e, tomando emprestado a Buñel um seu filme, trago *os estranhos caminhos de Santiago* da minha formação, que tem um possível começo na infância de memória contada, continua por “causos” das escolas de uma memória lembrada e de uma formação escolhida pra lidar com gente. *Memória e história de professores: como praticar também é lembrar* é a prosa com que, unindo arte, leitura e educação popular, Mailsa Carla Passos conta a história de três educadores da cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, na perspectiva do professor-leitor, e como suas memórias também são instituintes dos seus fazeres presentes, de como eles se tornaram professores e o que são. Selva Guimarães da Fonseca, por sua vez, conta sobre *o prazer de viver e ensinar história*, reunindo “narrativas de pessoas-professores que, ... dedicam ou dedicaram grande parte de suas vidas à sala de aula ... ensinando história para outras gerações...” (p. 114). Para encerrar essa conversa, Lia Maria Vieira Brasileiro nos fala um pouco *de ser professor e ser militante*, trazendo conversas-entrevistas com três professoras da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro que falam de suas trajetórias de formação de professoras e militantes.

O mesmo e o outro da cidadania é a prosa que Lilian do Valle organiza reunindo um time de excelentes conversadores, a começar por ela própria quando traz a relação *cidadania e escola pública*, em que discute o próprio conceito de cidadania e de liberdade, seguida da reflexão que Andrea Beremblum faz sobre *escola, língua e cidadania*, discussão que traz as variedades linguísticas e a língua nacional como primeiro ponto da conversa, a língua como símbolo da identidade nacional, como segundo ponto, e ampliando para o debate sobre o papel da língua no processo de constituição das nações latino-americanas. *Quem será a Branca de Neve?* é a pergunta que Maria Alice Rezende Gonçalves faz para trazer questões étnicas que perpassam a educação brasileira. Mostrando a pluralidade étnica em nosso país e as desigualdades sociais presentes no sistema educacional. Avelino da Rosa Oliveira, ao perguntar “*exclusão social*” – *o que ela explica?*, evidencia a complexidade do binômio cidadania-educação e mostra que não se pode reduzir essa relação ao par educação-exclusão, apontando outras interfaces que a exclusão social pode manter com a educação. Cláudio de Oliveira Ribeiro dá novo rumo à conversa quando

caminha nas fronteiras entre o público e o privado – aspectos da relação entre religião e cidadania, assunto sempre efervescente e presente nas escolas brasileiras. Apresenta transformações do campo religioso no Brasil assim como aspectos socioeconômicos e suas implicações na esfera religiosa, além do conceito de cidadania frente a essas esferas. O fechamento do debate com a discussão sobre *cidadania e violência nas escolas*, assunto que André Nunes Martins apresenta mostrando a influência do tráfico de drogas como indutora da violência.

Regina Leite Garcia e Aristeo Leite Filho se unem para sair **em defesa da educação infantil**, inicialmente feita por Regina Leite Garcia, explicitando seus pressupostos *em defesa da educação infantil*, tema que se amplia quando o colega português Manuel Jacinto Sarmiento fala sobre *a globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade*. Aristeo, usando de toda sua experiência nessa faixa de escolaridade, apresenta *proposições para uma educação infantil cidadã*, abrindo possibilidades de uma cidadania que se constrói no cotidiano dos processos educativos pela experiência. Lia Tiriba apresenta um novo foco *pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e famílias*, discutindo a importância da participação familiar na fase inicial da educação infantil. *Quem conta o fazer aumenta o coletivo o conhecer* é a conversa que, coletivamente, Carmen Lúcia Vidal Pérez, Carmen Sanches Sampaio e Maria Tereza Goudard Tavares propõem para mostrar a relevância da troca de experiências e os afazeres de pesquisa na educação infantil. Ampliando o coletivo da conversa e o valor da troca de experiências, Angela Nazaré de Carvalho Santos, Carolina Monteiro Soares, Célia Regina Machado Fonseca, Márcia Penna, Mirtes Gonçalves da Silva, Petronília Pereira dos Santos, Tatiana Freitas e Valéria Barros procuram mostrar que *um mais um é sempre mais que dois*.

Pensando nas múltiplas e diferentes escolas que há dentro da escola e nas múltiplas e diferentes escolas que são inventadas fora da escola, Nilda Alves convida Inês Barbosa de Oliveira e eu a inaugurar a conversa inicial de 2001 sobre como **fora da escola também se aprende**, conversa que se desdobrou num segundo eixo, a imagem, quando Inês e eu indicamos *imagens e aprendizagens cotidianas* como mote. Beth Macedo – Elizabeth, no mais formal – faz uma importante reflexão sobre *as imagens na contemporaneidade* e explicita os processos políticos e sociais que, nos últimos 50 anos, vêm modificando as nossas relações com as imagens. Inês volta à conversa desenvolvendo a ideia de aprendizagens cotidianas através de fotografias de Robert Doisneau, mostrando *espaços educativos em imagens* e trazendo um pouco da teoria que nos orienta. Já Aldo Victorio Filho, utilizando uma série de fotos que ele mesmo tirou, conta de “suas andanças de observador atento das expressões artísticas das pessoas comuns, da produção cotidiana da estética visual” (p. 8) ao trazer *poéticas visuais cotidianas*. No Parque Nacional da Taquara,

onde imagens da natureza se misturam a imagens produzidas pelas práticas de religiões afro-brasileiras, Kátia Perobelli mostra *cenias de um parque ecológico*, em que a descrição substitui imagens fotográficas e nos convida a vivenciar essa mistura. É também de mistura de imagens visuais e auditivas, dança e cinema que nos fala Lenildo Gomes de Almeida, mostrando, através de cenas repletas de referências do cotidiano carioca, o enredamento existente entre essas várias manifestações, mais especificamente entre *música e imagem*. Enquanto eu me aproveito dessas conversas para fazer uma reflexão que vai *das imagens não escolares nas escolas às imagens escolares nas não escolas*, para enfatizar, mesmo, o trabalho coletivo, enquanto Geni Amélia Nader Vasconcelos traz a discussão da imagem através da tevê quando fala sobre *os jovens e os usos da TV: revisitando antigas perguntas*, e, com essa reflexão, fecha essa nossa conversa.

Continuando com o foco nas imagens, Nilda Alves e eu convidamos algumas pessoas para uma conversa que mostrasse **espaços e imagens na escola**, começando por Nilda, ao trazer, para nossa reflexão, *imagens das escolas*, mostrando *espaçostempos de aprenderensinar* através de fotografias do francês Robert Doisneau com cenas do que costumamos chamar de “cola”. Usando palavras como se usam tintas, Eda Maria Henriques desenha *imagens e contraimagens na escola*, mostrando um cenário de embate entre professores e “autoridades” na implantação de uma nova proposta curricular. Através de algumas imagens contraditórias tiradas por diferentes grupos de alunos de uma mesma escola, Solange Castellano Fernandes Monteiro se coloca *aprendendo a ver: as escolas da/na escola*, e percebe os múltiplos e diferentes – e até divergentes – olhares que existem numa mesma escola e que aparecem nas imagens que se produzem dela. Incrementando o debate, Guaracira Gouvêa e Isabel Martins trazem *imagens e educação em ciências*, mostrando várias possibilidades de uso de imagens nos estudos de ciências. Já Selma Ferro dos Santos traz uma interessante discussão sobre as fontes orais, repensando *memórias, histórias de vida, imagens...* Traz, com esse mote, algumas discussões interessantes, por exemplo, como a memória e a história se relacionam com o tempo e um instigante aspecto dos estudos da memória, que é a construção da memória coletiva ou compartilhada. Ana Chrystina Venancio Mignot entra na conversa *eternizando a imagem pioneira* de Armanda Álvaro Alberto, trazendo não as imagens, mas como elas devem ser tratadas, observando a intenção autobiográfica na forma de organização e acumulação das fotografias do arquivo dessa pioneira da educação brasileira. Já Angela Vieira de Alcântara traz *imagens e memórias do cotidiano: o que os olhos veem?* E a recomendação de Bocayuva, que nos “orienta a ultrapassar a observação passiva e a reeducar o olhar para compreender, através dos aspectos visíveis, as invisibilidades das muitas tramas e redes de desigualdade que vão redesenhando os limites do mapa de nosso país” (p. 93). *Remexendo*

fotografias e cotidianos, Márcia Leite trança, usando como linha o conto “A foto”, de Luis Fernando Veríssimo, questões de autoria e das cegueiras da modernidade, além de revisitar os álbuns de família e os retratos da escola como fontes de pesquisa. Entrei na teia enredando as narrativas das conversas até aqui, *colando textos, colando imagens*, passeando por imagens de memórias e memórias de imagens, por emoções de imagens e imagens de emoções, tentando compreender razões das imagens e imagens de razões, as ciências das imagens e as imagens das ciências, mas sempre compreendendo imagens como linguagens e, como tal, compreendendo que as imagens do real não são o real.

Religião e cultura popular voltam à cena quando Victor Valla prefacia a conversa que continua quando Carlos Alberto Steil coloca algumas relações importantes entre *catolicismo e cultura*, para uma sociedade em que “ser católico parece-nos tão natural que dificilmente perguntamos a alguém qual sua religião” (p. 9). Das origens ao sincretismo, passando pelo calendário, tensões, irmandades e festas, Steil chega ao que ele denomina de “a procissão: um texto social sobre a realidade social” (p. 37). A conversa esquenta quando Regina Reyes Novaes traz para a conversa questões relativas a *pentecostalismo, política, mídia e favela*, refletindo sobre essa relação e suas implicações nos fazeres educacionais, enquanto Maria das Dores Campos Machado, *olhando as mulheres pentecostais através do espelho*, traz a discussão de gênero e a função das mulheres nessa vertente religiosa e, principalmente, os obstáculos que têm que superar, pois, “da assembleia ao reino de Deus, as mulheres percorrem muitos caminhos” (p. 77). Mudando de cores e vestimentas, de ritmos e fés, José Flávio Pessoa de Barros entra na conversa para mostrar *Xangô... a história que a escola ainda não contou*, refletindo “sobre o legado das diferentes etnias formadoras da nacionalidade brasileira” (p. 91), destacando, nessa conversa, a iorubá. O tempo todo mediando as conversas, Victor Valla indaga *o que a saúde tem a ver com religião*, fechando o debate por uma “conversa com professores do primeiro e do segundo graus sobre a questão da religiosidade popular” (p. 113), conversa essa que está recheada de questões sociais e políticas que, entrelaçadas a questões religiosas, mostram algumas lógicas da vida social.

Regina Leite Garcia volta para propor *um livro sobre o corpo* como movimento inicial de uma conversa sobre **o corpo que fala dentro e fora da escola**. Sua proposta é aceita de imediato por Angel Vianna e Jacyan Castilho que, *percebendo o corpo*, nos fazem pensar nos nossos movimentos de corpo que nos dão a dimensão de nós mesmos, compreendendo-o como nossa primeira casa e num movimento constante de construção, trazendo uma reflexão sobre o corpo-professor e o espaço do organismo-escola. Tendo como mote *as idades do corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades...*, Alfredo Veiga-Neto chama a atenção para a idade

como uma categoria que nos diferencia e, a partir dela, levanta questões de ordem política, epistemológica e metodológica. Azoilda Loretto da Trindade embarca na conversa e aproveita para *pensar/conversar* a respeito *do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência*, virando uma cambalhota e compartilhando estranhamentos e lições de corpos que os cotidianos escolares nos trazem passeando por “causos” que nos remetem a conceitos e posturas. Mostrando seu belo sotaque portenho, Denise Najmanovich nos instiga a *pensar/viver a corporalidade para além do dualismo*, levando-nos a caminhar do “corpo-máquina” ao “corpo-entrelaçado” e a pensar, nesse caminho, no sujeito corporificado e nas configurações do possível para, “numa paisagem diferente da reflexão acadêmica”, “pensar-agir-viver em outras paisagens estéticas” (p. 106). *Pensando o corpo feminino*, Eliana Schueler Reis nos traz à memória, da mitologia grega, Tírésias e a cegueira a que foi condenado por seus conhecimentos do corpo feminino, mostrando, no seu dizer, a estranheza da mulher e o corpo como des-ordem histórica, nos fazendo perceber os muitos corpos do nosso corpo e, mais especificamente, o que ela chama de perigos do corpo feminino. Nilda Alves, mostrando várias imagens de cotidianos escolares de diversas épocas e de diferentes mídias, procura mostrar *como nosso corpo passa a ser o de professora* nos múltiplos e também diferentes espaços de formação.

Chegamos a 2002 com uma conversa muito interessante apresentada por Aldo Victorio Filho e Solange Castellano Fernandes Monteiro sobre **cultura e conhecimento de professores**, que recebe, pra começar, as falas sempre bem-vindas de Nilda Alves sobre *a experiência da diversidade no cotidiano e suas consequências na formação de professoras*, buscando “entender o conhecimento escolar sem hierarquias, dicotomias e sem fragmentações [...] evidenciando [...] os processos culturais formadores de uma linguagem pedagógica reducionista e simplificadora que pretendem sujeitar o trabalho de formação de professoras” (p. 9). Essa inquietude da Nilda me instiga a escrever uma carta às *minhas alunas professoras*, em que “protesto contra as ignorâncias impostas sobre a avaliação a que a formação prática docente são submetidas”, oferecendo, “a sugestão de astúcias próprias para refabricar, mesmo que no dribble, as normas instituídas” (p. 9). Selma Ferro Santos entra na conversa trazendo uma contribuição de muita atualidade, naquele e neste momento, ao trazer alguns *processos de desenvolvimento de “novas práticas”*: *apropriação e uso de novas tecnologias*, mostrando “como algumas professoras constituem sua identidade profissional quando utilizam o computador” (p. 10). Aldo Victorio, mediando a conversa, traz, com sua simplicidade profunda ou sua profundidade simples, alguns elementos para pensarmos *a formação contínua no cotidiano* de professoras a partir de ações políticas destinadas a essa formação que “não deveriam desprezar os sujeitos dos *espaçostempos* das escolas” (p. 10).

Alternando a mediação da conversa, Solange Castellano coloca em cena o *projeto político-pedagógico: as vozes das políticas educacionais no cotidiano de nossa formação*, evidenciando “o que se fabrica quando as políticas públicas de educação chegam ao cotidiano das escolas [...] determinação legal que, ressignificada no ambiente escolar, mostra a potencialidade das práticas cotidianas nas ações diárias de resistência – e superação – aos diversos e frequentes obstáculos que as escolas enfrentam” (p. 10). Aproveitando a deixa de Solange, Cleide Leitão, *tecendo alternativas educacionais no campo da formação/autoformação de educadoras*, faz uma “reflexão sobre a circulação de saberes nos coletivos de formação continuada de professores e os *entre-lugares* de culturas e conhecimentos nos quais a diversidade é o referencial maior e a complexidade [...] é uma fonte de desafios e, ao mesmo tempo, de conhecimentos” (p. 11). É a partir dessas “alternativas educacionais no campo da formação” a que se refere Cleide que Gláucia de Azevedo marca a sua contribuição a partir da sua prática de professora de geografia, relatando sua experiência *trabalhando geografia com professoras das séries iniciais do ensino fundamental* em que aprender a lidar com mapas “promove o conhecimento e a lembrança de outros mapas desenhados na cartografia da formação de cada professora” (p. 11). Eda Henriques, pelo diálogo que tem com estudiosos da formação de professores, move o foco da conversa para *o imaginário e a formação do professor: produzindo conhecimentos, sentidos e subjetividades*, apontando “para a importância de se evidenciar a necessidade, neste processo, da exploração, do reconhecimento do ‘invisível’ dentro do real, daquilo que tem força, que impulsiona, que produz significações, embora se mantenha em outras dimensões”. A conversa se internacionaliza quando Jean Houssaye, francesamente traduzido por Nilda Alves, pergunta *o que é um pedagogo?* e, “por meio da discussão das relações entre a reflexão e a prática pedagógica, recupera a trajetória de grandes nomes da pedagogia ocidental” (p. 12), levantando questões relevantes entre a teoria e a prática da educação.

Para ampliar o debate sobre educação infantil, Regina Leite Garcia combina uma conversa sobre **crianças: essas tão desconhecidas**, e encabeça o debate afirmando que *todas são crianças... mas são tão diferentes*, primeiramente tentando estabelecer, para a interlocução, o que entendemos por criança e, depois, através de histórias de crianças, mostra que todas, mesmo que se enquadrem numa mesma conceituação genérica, são diferentes umas das outras, e essa deve ser, sempre, uma das atenções das escolas. *Era uma vez... quer que conte outra vez? – As gentes pequenas e o indivíduo* é a história que nos vem contar Sandra Corazza, com inúmeros capítulos que levantam, todos, questões relevantes sobre “as gentes pequenas” e o que os conhecedores denominam de “Indivíduo” com maiúscula e as exclusões que esse conceito faz dos miúdos. Outra Sandra, a Baron, entra na conversa e muda o foco da para o *brincar: o espaço de potência entre o viver, o*

dizer e o aprender, e procura nos fazer compreender o brincar como algo que é o próprio viver e, por isso, faz parte do nosso processo de aprender e mesmo de fazer e dizer. Para pensar junto com a gente na conversa, Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes conta algumas *histórias e narrativas da educação infantil* para nos mostrar a importância que essas histórias têm para as crianças, assim como o valor da repetição tão presente na frase cotidiana de crianças em relação às narrativas que ouvem: – Tia, conta de novo a história!!! Jacqueline aproveita para colocar em debate as classificações etárias feitas pelo mundo adulto e a instituição de regras para os vários segmentos da educação que são reproduzidas na educação infantil. *Trabalho e lazer no cotidiano das crianças exploradas* é a conversa que Manuel Jacinto Sarmento, Alexandra Bandeira e Raquel Dores trazem d’além mar para nós, do Brasil, mostrando muitas similaridades no que se refere ao trabalho infantil desses dois lados do Atlântico e, ao mesmo tempo, trazendo a discussão conceitual do que é ou não considerado trabalho infantil e mostrando, para nossa reflexão, “práticas de trabalho e lazer no Vale do Ave” (p. 113), região norte de Portugal. Fechando a conversa, mas mantendo o sotaque dos nossos patrícios, Maria Paula G. Meneses, *para uma visão mais abrangente do sentido da educação e dos saberes*, traz “algumas pistas para a criação de um diálogo educativo mais abrangente” (p. 132), e procura discutir “o papel da educação como veículo de busca de novas alternativas ao desenvolvimento” (p. 128) fazendo, ao passo, uma reflexão sobre “os saberes e a modernidade ocidental” (p. 125). *Em tempo*, Regina se dá conta de que todas as pessoas que conversam sobre crianças eram adultas, e traz “A história sonhadora” de Dinis, “menino atento e sensível com quem muito temos a aprender” (p. 137):

Era uma vez uma história que, mal tinha sido escrita, tinha sido trancada numa arca.

Ela sonhava com um mundo dos humanos que nunca tinha visto. Imaginava-os a viverem em pequenas casas de madeira no meio dos campos e a cuidarem dos animais.

Depois das histórias de crianças, Inês Barbosa de Oliveira e eu trazemos algumas histórias de adultos, e começamos por Nelson Rodrigues que diz, na paráfrase, *da diversidade nós gostamos, já que toda unanimidade é burra*. E gostamos dessa chamada para a conversa que chamamos de **redes culturais, diversidade e educação**, que começa um pouco respondendo ao que suscita a “unanimidade”, com *o fim das descobertas imperiais*, em que Boinha – forma carinhosa com que Inês chama Boaventura de Souza Santos – “abre caminhos, do ponto de vista da própria teoria, para a reflexão de que a própria hegemonia é um conceito historicamente questionável” (p. 8), abrindo, também, caminho para que Inês faça uma “reflexão teórica a respeito das formas possíveis de exercício da cidadania – *aprendizagens culturais, cidadania e educação* – [objetivando] ampliar o

diálogo entre as diferenças na tessitura de formas novas de cidadania, buscando evidenciar o valor da e os valores na diversidade” (p. 9). Então, Alexandra Garcia e Renata Araujo Lobo questionam se entre *currículos oficiais e currículos praticados: a diversidade vai à escola?*, dando centralidade ao debate que surge na confrontação entre os currículos preconizados pela lei – os chamados oficiais – e os efetivamente praticados nas inúmeras e diferentes salas de aula dos nossos sistemas educativos. Wanda Medrado Abrantes, que acompanhou as muitas conversas que já fizemos procurando **o sentido da escola**, retoma o que chama de *a pedagogia do gesto, do corpo, da simbologia em imagens*, trazendo para a conversa a ocultação da diversidade nos ambientes escolares pela “singularização das funções sociais” (p. 10), que pode ser exemplificada com o uso de uniforme pelos alunos – e até mesmo por professores, dependendo da instituição escolar. Apresentando elementos que confrontam essa uniformização da escola, que pode ser representada pela hegemonia do letramento, Lenildo Gomes de Almeida nos traz as *redes de conhecimento nas rodas de samba* como uma abertura de possibilidades expressivas que “faz parte das pessoas que, estando nas escolas, também fazem parte de inúmeras outras redes de formação” (p. 10). Débora Barreiros e Vânia Morgado, por sua vez, falam um pouco sobre *multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil – um estudo sobre a multieducação* na “tentativa de construção de um currículo oficial que contemple a diversidade cultural” (p. 11), fazendo uma discussão sobre a “diversidade existente nas escolas [e identificando] dificuldades nas instituições para romper com o instituído pela modernidade e abraçar a diversidade do cotidiano como *espaçotempo* de tessitura de conhecimento” (p. 11). Márcia Leite viaja, com sua equipe de professores, para a Bahia, de 1998 a 2000, em função de um projeto de educação continuada, e nos narra que, *quando professores se encontram*, é fundamental que se tente romper a ideia de hegemonia, na medida em que os professores visitantes poderiam estar ocupando o lugar de um saber instituído hegemônico em relação ao grupo de professores que os recebia, mostrando a mesma tensão da relação professor-aluno que bem caracteriza a maioria de nossas escolas. Ela nos diz: “‘Encontramos nas artes um caminho de encontro e de tradução das nossas diferenças’, o que não é apenas uma frase de efeito, mas sim uma possibilidade concreta de encarar de frente uma das grandes marcas da diversidade: a diferença” (p. 12). Entrando na conversa para falar de suas andanças pela relação entre *cinema e educação*, Eli T. Henn Fabris nos mostra relações muito interessantes entre cinema e estudos culturais, a partir das quais discute “a dificuldade crescente de se definir com precisão o que é ou não um conhecimento especificamente escolar ou especificamente cultural” (p. 13), pensando, ainda, “que a escola é um lugar privilegiado de circulação de conhecimento, mas não é o único” (p. 13). Essa conversa sobre **redes culturais, diversidades e educação** tem uma terminalidade passageira quando as então bolsistas de iniciação científica Alessandra da Costa B. N. Caldas,

Claudia Regina Ribeiro Pinheiro Chagas, Daniele Grazinoli, e a Cilene Leite Nascimento mostram algumas fotos que lhes trazem *lembranças da escola em imagens* e fazem um “exercício narrativo de memória [para] melhor compreenderem as suas formações” (p. 14).

Professora-pesquisadora: uma práxis em construção é o tema que Maria Teresa Esteban e Edwiges Zaccur apresentam para um novo debate, que elas próprias iniciam mostrando *a pesquisa como eixo da formação docente*, enfatizando a necessidade de se quebrar com a dicotomia secular entre fazer e pensar, quase eternizada em outra dicotomia bem acadêmica: teoria/prática. Revisitando e, mais, ressignificando essas dicotomias, Teresa e Edwiges plantam a pesquisa como uma possibilidade bem concreta da formação docente, pressupondo um contínuo aprofundamento teórico aliado às práticas cotidianas do fazer docente. *Formando professores reflexivos para uma educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições* é a discussão que Kennteh Zeichner nos traz e na qual também está presente essa nova dimensão de formação, que Kenneth desenvolve a partir de uma reflexão sobre a retórica da reforma educacional e da reforma da formação docente como uma ideia que ocorre em vários países, superando o sotaque americano de sua conversa. De repente, o gauchês ocupa os espaços da nossa conversa quando Sandra Mara Corazza nos coloca: *pesquisa-ensino: o “hífen” necessário na formação docente*. Ao conflitar, a partir da psicanálise e da religião, procurar e achar, Sandra, educadora confessa, chega à “pesquisa-que-procura” e nos alimenta a reflexão dizendo que “nós pesquisamos – procurando – para ensinar, e ensinamos – pesquisando – para procurar” (p. 56). Por que, como e o que são as questões que desenvolve para chegar à artístagem e nos fazer pensar. Mais uma vez mudando do sotaque, agora do gaúcho para o mineiro – “às vezes mansim e às vezes brabim” –, Mitsi Pinheiro Lacerda mostra algumas ações *para uma formação repleta de sentido*, como reeducar nosso olhar tão acostumado a ver distanciado e desafetado, pensando que “a pesquisa pode nos ajudar a tornar visível para nós mesmas, onde, quando e porque nos ocultamos. Exercitando o olhar, vamos apurando outros sentidos, aprendendo a falar também com o silêncio para muito especialmente ouvir o outro.” (p. 83). Mudando não só o sotaque, mas a metáfora, Patrícia de Cássia Pereira Porto, bordando rendas de memórias e histórias do cotidiano, vai-se enredando *professora-pesquisadora no tecido escolar* com a percepção clara que é uma tarefa de refazer-se cotidianamente, “um trabalho de pesquisa feito de lutas – externas e internas, entre sucessos e fracassos, pausas e reticências” (p. 101). Fechando essa rodada de debate sobre a pesquisa na formação e na prática docentes, Nilda Alves e Regina Leite Garcia dialogam numa interessante *conversa sobre pesquisa*, retomando alguns pontos que marcaram as conversas anteriores, ressignificando outros tantos pontos e trazendo, pela força mágica de suas *palavrasimagens* de muitas vivências e pensações, novos pontos a serem pensados.

Pensar **subjetividade, tecnologias e escolas** é, efetivamente, a praia de Márcia Leite e Valter Filé, amigos de quem, nem tão escondido quanto deveria, “colo” a resenhação desta conversa, que começa quando Nilda Alves busca “compreender o que os sujeitos do cotidiano fabricam, o que reproduzem/transmitem/criam no uso de tantas tecnologias hoje postas à disposição para consumo” (p. 25). *“Romper o cristal e envolvermo-nos nos acontecimentos que se dão”*: os contatos cotidianos com a tecnologia traz, nessa busca, reflexões sobre o tempo e imagens na/da televisão que nos instigam a pensar nos contraditórios, nas resistências e nas “maneiras como as tecnologias estão nas escolas” (p. 25). Agitando mais a conversa, Inês Barbosa de Oliveira traz *a rebeldia no/do cotidiano: regras de consumo e os usos transgressores das tecnologias na sala de aula*, defendendo “essa corajosa forma de identificar como as mulheres e os homens buscam libertar-se da dominação (mesmo que seja dos manuais), discutindo os usos que as alunas fazem de uma tecnologia que frequenta rotineiramente nossas salas de aula, os cadernos escolares” (p. 8-9). “A simples substituição de livro didático pela TV, a mudança de um suporte para outro, pode ser uma forma de modernização conservadora: um formato novo para velhos conteúdos, uma espécie de maquiagem que até sugere diferenças sem, contudo, mudar a face do ensino” (p. 45) Essa é uma das reflexões que Raquel Goulart Barreto faz ao introduzir na conversa as *tecnologias na sala de aula*, além de nos levar a pensar que, “do abuso ao mau uso, é preciso marcar, também, a precariedade das condições sociais” (p. 48), que não apenas levam a uma série de medidas antifurto que dificultam, na maior parte das vezes, o uso adequado das tecnologias, como também os usos desviantes da atividade pedagógica, dentre outras questões de grande relevância. Levada por *Calvino a viajar com o Senhor Palomar*, Maria Teresa de Assunção Freitas encontra “o elo que buscava entre a tecnologia como um produto cultural humano e a constituição da subjetividade do homem contemporâneo” (p. 58). *Eu: a janela através da qual o mundo contempla o mundo* é a contribuição de Maria Teresa para pensar, nessa conversa, a relação entre tecnologia, subjetividade e escola, narrando o percurso sócio histórico sobre os conceitos de cultura, tecnologia e subjetividade. Sonia Cristina Vermelho acompanha Maria Teresa e tece *algumas reflexões em torno da tecnologia como expressão de subjetividade*, “que fala de outra subjetividade, representada pelo ego forte de Freud e a sociedade sem pai de Marcuse, [gerando] importantes confrontos, como a discussão sobre o mundo criado como representação pelas mídias, [que] se torna cada vez mais irreconhecível e incompreensível pelas pessoas” (p. 10). *Cotidiano: um outro viés para entendimento da recepção televisiva* é o mote usado pela amiga Geni Amélia Nader Vasconcelos para trazer ao debate suas interrogações sobre “como os jovens se apropriam dos produtos da tecnologia que utilizam” (p. 91), centrando suas reflexões na TV e “no processo de indisciplina que se estabelece no consumo” (p. 91), fazendo essa investigação através de deliciosas conversas com

jovens da escola em que trabalhava. Aproveitando o tom do relato da Geni, Márcia Leite fala um pouco sobre *a tecnologia no/do curso de pedagogia*, relatando o acompanhamento que fez com a intenção de “identificar de que modo as tecnologias educacionais fazem parte do cotidiano do curso de pedagogia” (p. 104). Narra o projeto para a disciplina, que se afasta da associação presente na grande maioria dos currículos analisados de utilização de recursos audiovisuais, tendo como um dos objetivos “possibilitar que alunos e alunas exercessem sua condição de autores e sujeitos” (p. 104) e outro “o de discutir os conceitos de tecnologia, tecnologia educacional e sociedade da informação e de que modo esses conceitos estão influenciando a constituição das nossas identidades contemporâneas” (p. 107). *Os espaços/tempos do cotidiano escolar e os usos das tecnologias* é o tema que Carla Imenes introduz na nossa conversa, lembrando-nos “de que o tempo, assim como o espaço, é concebido na modernidade como independente do homem e segue um caminho único e linear” (p. 11). Reaviva uma conversa já começada sobre as possibilidades de usos das tecnologias nas escolas que transgridem o que é estabelecido como uso correto, enfatizando que, “nas práticas cotidianas, professores e alunos produzem histórias singulares e imprevistas, vão experimentando, readequando e modificando, por meio da criatividade, as diversas tecnologias” (p. 120). “Com seu jeito baiano de ser, presença ocasionalmente lenta para os ritmos muitas vezes acelerados do cotidiano, Valter Filé nos conta um pouco de suas experiências com a linguagem audiovisual e de como, no diálogo que estabelece com a teoria e as práticas cotidianas, essa linguagem pode trazer ricas possibilidades para as escolas, apontando, por meio dos ‘causos’ que conta, que essa tecnologia é, antes de mais nada, uma forma de expressão” (p. 12). *Edições-ensaio do olhar-imagem* é o debate que Jane Paiva nos traz pelas questões sobre a realidade, como “sua luz/sombra; o claro e o escuro; os ângulos; as cores; o preto e branco, que identificam sua existência singular” (p. 12). Fazendo reflexões sobre a fotografia e as tecnologias, mostra que “elegemos o fato, o objeto, o ângulo, a máquina, a lente e paralisamos a situação. No nosso método ou aproximação, produzimos teoria e conferimos significado ao objeto a partir desse pressuposto” (p. 147) e, com essa metáfora, mostra a provisoriedade do que consideramos verdade, pois, “mesmo que as imagens nos seduzam ou nos façam ser quem somos, fazemos uso de diferentes linguagens, de diferentes textos, sempre, porém, provisórios” (p. 12).

A experiência do trabalho e a educação básica apresentam a interessante mistura do interesse do trabalho e suas imagens, e, também, uma diferente organização das conversas. Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta são os mediadores e se fazem presentes no primeiro eixo – trabalhos e trabalhadores –, em que Gaudêncio aborda *a dupla face do trabalho: criação e destruição da vida*, buscando “estabelecer uma distinção entre trabalho, propriedade, tecnologia e

educação concebidos como valores de uso ou atividades humanas produtoras de vida” (p. 8), dialoga com Ciavatta, que “retoma o trabalho na sua dimensão de produtor de vida ou [...] como fonte de pesquisa e de conhecimento” (p. 8), mostrando, num primeiro plano, *o trabalho como fonte de pesquisa: memória, história e fotografia*, que, para ela, se constitui “num valioso e singular instrumento de compreensão histórica do trabalho e das lutas dos trabalhadores” (p. 8-9). Fechando esse primeiro eixo, Ronaldo Rosas Reis apresenta *o trabalho de arte e a arte do trabalho*, colocando em foco “a compreensão reducionista da arte [...] e a necessidade de ir além das intenções declaradas na legislação e nas diretrizes curriculares sobre arte” (p. 9). O segundo eixo – trabalho e sociedade – começa quando Eunice S. Trein fala um pouco dos *projetos de desenvolvimento em disputa, reflexões sobre a questão ambiental e os limites*, e “analisa o processo histórico e a natureza do desenvolvimento sob a cultura e o modo de regulação social fordista e suas dimensões desiguais e assimétricas entre países ricos e centrais e países pobres e periféricos” (p. 9). Brincando de casinha: fragmentos de economia, cultura e educação é como Lia Tiriba “trata da economia e da sua relação com o trabalho, a cultura e a educação” (p. 9), focando sua reflexão no fato de que a escola é o lugar por onde deve passar a discussão dessas questões tão fortemente determinante da produção da vida. Em cinco fragmentos, Lia contempla essas questões com a “intenção de trazer elementos para pensar a economia como algo que não diz respeito apenas aos ‘economistas’” (p. 70). Fechando o segundo eixo, José da Silveira Lobo nos mostra *a organização do trabalho em profissões: traços em nossa história*, fazendo um breve passeio pela história para comentar “alguns traços da organização do trabalho e definição das profissões no Brasil” (p. 89). Analisa momentos fundamentais de “reorganização do trabalho” no Brasil, sendo, o primeiro deles, a “reforma de primeiro e segundo graus de 1971, quando se estabelece a universalização da profissionalização no nível de segundo grau, quando o Conselho Federal de Educação [...] estabelece 130 possibilidades de habilitação [e] o segundo [...] o que se vive após a aprovação da Lei 9.394” (p. 94-95). Trabalho e educação formam último eixo do livro e se abre quando José Rodrigues, pensando sobre *a educação e os empresários: o horizonte pedagógico do capital*, “explica qual é o ideário e o projeto pedagógico do empresariado, evidenciando que a disputa, no Brasil, para torná-lo hegemônico, se efetiva há muito tempo em nossa história” (p. 9). Aponta alguns pontos centrais de concepção do projeto, quais sejam “a metamorfose paleológica: da nação industrializada ao país desenvolvido” (p. 104), “a educação em busca da economia competitiva” (p. 109) e “o horizonte pedagógico do capital” (p. 115). Trazendo como tema da sua prosa *jovens e adultos trabalhadores e a escola, a riqueza de uma relação a construir*, Sonia Maria Rummet “analisa os desafios e as ricas possibilidades de construir uma relação entre a escola e os jovens e adultos trabalhadores” (p. 9), trazendo, para essa análise, os “números que dimensionam a

importância da educação de jovens e adultos” (p. 118), passando pelas diretrizes curriculares nacionais como “instrumento de valorização da EJA” (p. 121) e, também, pensando que “a valorização da escola da vida é fundamental para a vida na escola” (p. 124). O *trabalho infantil* e o último debate desta conversa, trazido por Dora Henrique da Costa e Lea Galvão, mostrando a nós, “de forma didática e clara [...] o que é o trabalho infantil vinculado à produção e ao cuidado com a vida, princípio socializador e educacional, e o que é o trabalho expropriador da vida e mutilador da infância e juventude” (p. 10).

Em 2003 algumas reedições aconteceram, e, em 2004, três últimas conversas se fizeram. A primeira delas, organizada por Inês Barbosa de Oliveira e Reinaldo Ramos Diniz trouxe **ação sindical, ação educativa e produção acadêmica** para o centro da cena. *Teorizando e praticando a relação prática/teoria/prática: redes de fazeres, poderes e saberes nas escolas, no sindicato e na academia* foi o passo inicial dado por Inês e Reinaldo para incrementar a conversa, que tem nas *políticas neoliberais em educação e a resistência sindical: o caso do estado de São Paulo*, trazido por Bruna Salomão, a sua continuidade. *Os empresários como atores educativos? Projeto de educação pelas empresas e a luta pela emancipação da educação pública – os dois lados de uma moeda* é a discussão que Andrea da Paixão Fernandes traz para mostrar as tensões entre o projeto empresarial e o investimento em uma educação pública com mais abrangência e maior qualidade. É no campo da luta, também, que Marcelo de Oliveira Assunção traz a sua questão para a conversa: *pensar a educação ou lutar por salários? O sindicato e seu projeto educacional*, buscando estabelecer uma relação de complementaridade entre a luta por melhores condições de trabalho e um projeto para uma educação de qualidade. Ao mesmo tempo, Reinaldo Diniz adentra a conversa com *a organização do trabalho educativo escolar e a saúde de seus profissionais: uma relação dolorida*, mostrando que é no magistério a maior incidência da síndrome de Burnout e de outras doenças decorrentes dessa (des)organização. Maxwell Monteiro Bastos, acompanhando o tom das lutas políticas, direciona sua reflexão para as relações entre classe e dirigentes sindicais, trazendo como mote “*Depois que a crise passar, você me chama*”: *sobre a formação dos professores e o problema do distanciamento entre o núcleo dirigente e a base de representação do Sepe/RJ*. Essa preocupação do Maxwell com a formação para além dos processos pedagógicos também está presente quando Ana Cláudia de Moraes nos apresenta *o sindicato como espaço-tempo da minha formação e da de outros companheiros e companheiras*, ampliando a questão da formação para outras esferas fora dos cursos de formação. *De hospedarias, andanças e aprendizagens: as virtudes da cooperação no sindicato e na escola* é a chamada de Antonio Eugenio do Nascimento para falar das redes de cooperação que caracterizam essas instâncias da educação. Um sotaque português

invade a conversa e sinaliza para a participação do saudoso amigo José Paulo Serralheiro, pessoa da melhor qualidade que tinha *um pé no ensino, outro no jornalismo: fazer comunicação social para escolas e professores*, mostrando a sua experiência profissional à frente d'A Página da educação, encerrando com chave de ouro essa conversa.

A segunda conversa de 2004 foi organizada por Joanir Gomes de Azevedo e Neila Guimarães Alves, e tem como motivo *formação de professores: possibilidades do imprevisível*. As mediadoras da conversa começam dando o foco para a centralidade da prática na formação de professoras e professores, mostrando que há várias instâncias de formação do professor para além dos cursos de formação, instâncias em que, cotidianamente, nos inventamos professoras e professores. Joanir pega a palavra para falar de “abobrinhas” e “troca de figurinhas”, mostrando, em primeiro plano, as inúmeras trocas de comunicação que se estabelecem entre professores, e pensando também, a partir do diálogo entre Adriano Nogueira e Paulo Freire, que existe uma distinção entre uma forma científica e uma forma popular de conhecer, distinção essa que também caracteriza formas de trocar conhecimentos. Ressalta, para nossa discussão, a fundamental importância da experiência, muitas vezes transmutada da vivência. Depois de aceitar o convite, fiquei esperando um “causo” foi a maneira de, seguindo o mesmo foco na experiência e no “causo”, falar, como quase sempre, de uma história de/com uma de minhas *alunas professoras*. Passando para mim um trabalho de casa, Lorena me solicitou uma bibliografia básica sobre avaliação, o que me levou a perguntar-lhe: básica pra quem, para mim ou para você? A partir daí, discutimos conhecimento e suas nuances, os saberes teóricos e os saberes das práticas e, também, as relações de poder que a instituição escolar “nos obriga” a exercitar. Na mesma direção, Dirceu Castilho Pacheco traz como tema: cotidiano: *espaçotempo do aprenderensinar*, analisando a produção imagética de alguns de seus alunos do CAP-Uerj, como essas imagens marcavam as atividades cotidianas, principalmente porque revelavam os aprendizados para além dos conteúdos quando, diante de uma situação-problema, seus alunos chegavam às suas próprias criativas e originais soluções. A exemplo da Joanir, Neila Alves, trazendo o tema bola de gude e outras lições, procura mostrar, a partir da sua experiência, que contando histórias também se aprende, evidenciando uma relação nem sempre harmônica entre os conhecimentos teóricos da formação e as práticas docentes. Ilustra sua discussão com seus “causos” de alunos, em que a simplicidade é uma forte aliada do conhecimento e a sala de aula deve ser sempre um *espaçotempo* de negociação de sentidos e linguagens. Docência: feminino, singular e plural – a trivial diferença é o mote que Carmen Lúcia Pérez usa para conversar sobre “as histórias de mulheres professoras, pessoas comuns que sentam ao nosso lado no ônibus, que esbarram em nossos carrinhos nos supermercados, que encontramos

no hall do cinema ou na sala de espera do dentista” (p. 75). Carmen Pérez nos traz narrativas que, “no que se refere à formação das professoras, [...] nos possibilitam (professoras e pesquisadoras) compreender, nas tramas de suas/nossas existências, o modo singular (e ao mesmo tempo plural) de cada uma realizar sua dialógica existencial” (p. 97). Fechando essa conversa, Luiz Carlos Siqueira Manhães – o Dr. Boêmia – nos fala de *redes de formação de educadores*, a partir de um breve estudo do que poderíamos chamar de uma epistemologia das redes, de Lefévre a Certeau, passando por Elias e chegando à “teoria itinerante” de McLaren, e mostrando que, “na atualidade, apresenta-se aos educadores em geral um desafio decisivo para o enredamento de seus saberes e fazeres: superar os obstáculos criando a possibilidade de tessitura de um saber emergente da prática que não negue as diversas contribuições das ciências sociais, integrando-as com base na reflexão sobre essa prática concreta” (p. 118).

Coube a Inês Barbosa de Oliveira e Jane Paiva organizarem o que foi a última conversa bibliográfica da coleção O sentido da escola, e o tema dessa conversa foi **educação de jovens e adultos**, em que as duas organizadoras começam traçando *cenários da educação de jovens e adultos: desafios teóricos, indicativos políticos* em que mostram um pouco o panorama da EJA nesses dois eixos, o teórico e o político pela síntese dos vários estudos apresentados. *Lições de história: os avanços de 60 anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições do analfabetismo no Brasil* é o tema do que Osmar Fávero “desafia lições das variadas campanhas que o país já viveu, de cunhos ideopolíticos diversos, e apresenta, como espelho às políticas do presente, as razões, a crítica, os embates, as contradições que fumegantes ainda, aquecem o necessário debate do momento político atual” (p. 7). Jane Paiva, no caminho aberto por Osmar, procura mostrar a *educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário de mudanças*, e “traça as questões atuais que reconceitualizam a EJA e as resistências que, vencendo os cursos da história negada, põem-se a contrapelo para imprimir outras marcas nas relações de poder entre Estado e sociedade civil, expressas pelas forças sociais organizadas dos últimos tempos, em defesa da garantia do direito constitucional à educação, não apenas um direito social, mas direito humano fundamental”. Luta e embate, praticado com táticas cotidianas, com a astúcia e as armadilhas que Certeau propôs para compreender as inventividades dos fracos, das pessoas comuns. Eliane Ribeiro Andrade, ao refletir sobre *os jovens da EJA e a EJA dos jovens*, “através de uma cuidadosa análise de dados quantitativos e de dados a respeito da situação de algumas escolas noturnas, mostra o quanto o direito à educação vem sendo negado aos jovens oriundos das camadas mais pobres da população, sobretudo os negros. Revertendo o modo preferencial de avaliação do problema, a autora afirma, com pertinência e argumentação apropriada, que a escola está desperdiçando a

segunda chance que esses jovens estão oferecendo a ela de exercer o seu papel social de formá-los para uma vida mais digna e cidadã” (p. 8). *Escolarização de trabalhadores: aprendendo as ferramentas básicas para a luta cotidiana* traz a pergunta: e “se a escola oficial não reage? Timothy Ireland responde a essa questão mostrando, primeiramente, as contradições entre os perigos políticos e as necessidades econômicas, historicamente inerentes à sociedade capitalista quando se trata de investir ou não na educação dos trabalhadores. Depois, por meio do estudo de uma fascinante experiência desenvolvida em João Pessoa pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, mostra um dos modos de reação possível à passividade do sistema educativo oficial: tomar para si a responsabilidade. A luta desses trabalhadores pelo acesso aos saberes sistematizados, entendidos como necessários à própria luta política do sindicato, deu origem a um projeto educativo que vem sendo desenvolvido há treze anos, através de uma parceria entre a UFPB e o sindicato, objeto do referido artigo” (p. 9-10). *O acesso à cultura escrita: a participação social e a apropriação de conhecimentos em eventos cotidianos de leitura e escrita*, “no caminho de pensar essa cultura escrita tão cara aos trabalhadores, traz a pesquisadora mexicana da área de alfabetização e de processos de leitura e escrita Judith Kalman, [...] realizando uma interessante discussão sobre os conceitos de acesso a essa cultura escrita, de participação em eventos de ler e escrever e de apropriação dessa cultura, revendo os significados desses conceitos, a partir de práticas cotidianas de mulheres na relação com a vida e com o trabalho e com seu envolvimento em processos formais de alfabetização. Analisando as falas dessas mulheres, observando-as em sala de aula e em eventos cotidianos, tece todo um novo conhecimento sobre os usos e os significados desses usos para os praticantes da escrita, cujos aprendizados seguem modos próprios e inesperados, jamais imaginados pela escola. Argumenta, ainda, quanto à distância entre acesso e uso, quando se trata de bens da cultura escrita, alertando quanto à disponibilização desses bens que não se bastam pelo franqueamento a eles, se não estiverem conectados a formas próprias de ressignificação para os usuários de serviços vinculados à escrita” (p. 11). *Pensando o currículo na EJA*, Inês Barbosa de Oliveira “apresenta uma discussão a respeito da inadequação da maior parte das propostas curriculares às necessidades e interesses dos alunos da EJA e dos problemas que daí decorrem para professores e alunos. Desenvolve, para isto, um estudo acerca desse problema, citado por alguns dos demais autores, o do currículo da/na EJA. As duas histórias centrais do texto evidenciam algumas das dificuldades que uns e outros enfrentam por conta dessa inadequação. Sem pretender dar respostas definitivas ao problema, Inês aponta a necessidade de superação dos modos formalistas dominantes de se entender os currículos e a valorização das experiências locais e dos diferentes sujeitos dos processos pedagógicos como um possível caminho para sua superação” (p. 12). *O fazer pedagógico no centro do processo de formação continuada de professoras: autonomia*

e emancipação é o tema “apresentado por uma equipe de professoras – Cátia Maria S. de Vasconcelos Vianna, Cristiane Xaves Valentim, Fátima Lobato, Gisela Ribeiro da Silva, Graça Helena Silva de Souza e Sandra Sales – que vem atuando em cursos de formação continuada no estado do Rio de Janeiro, e traz uma discussão a respeito do sentido epistemológico e político que a horizontalização das relações entre formadores e formandos tem, tanto no que se refere à proposta dos cursos em si, quanto no que diz respeito à própria ideia de educação de jovens e adultos, entendida como o direito de todos nós à aprendizagem, ao longo de toda a vida. Em segundo lugar, faz pensar os caminhos como se estabelecem parcerias possíveis entre universidade e poderes municipais, instituindo fazeres e pensamentos novos sobre a formação continuada de professores (p. 12-13). Andréa de Souza Batista, Breno Louzada C. de Oliveira, Carlos Fabian de Carvalho, Carla de Souza Campos, Edna Castro de Oliveira, Lucillo de Souza Júnior, Marcilene Fraga dos Santos, Marcus Vinícius C. Podestá e Maria José Corrêa de Souza são os professores formadores de formadores que assumiram a tarefa de contribuir com o projeto educativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Espírito Santo, [e que] nos trazem os conflitos, problemas, soluções e prazeres que os mobilizou e mobiliza nesse fazer” e que trazem quando abordam a *formação continuada como EJA: experiências e produções capixabas junto aos educadores do MST*. “Mostram, ainda, como os formadores sentiram a necessidade de melhor estarem formados para desempenhar o seu papel e partiram para reflexões fundamentadas na experiência vivida no próprio campo de trabalho, evidenciando o caráter permanente, mesmo que nem sempre em um *continuum*, de nossa educação e a necessidade de um diálogo permanente entre formadores e formandos, entre saberes da prática e saberes acadêmicos em qualquer instância de prática educativa, diálogo presente na própria formatação do texto. Além disso, trazem o conceito de *ruralidade*, como uma contribuição dos achados da equipe, para melhor compreender e atuar com educadores do Movimento, em processos de formação” (p. 14). Finalmente, *itinerários e processos de autoformação* é o relato de Cleide Leitão a respeito dos “coletivos de autoformação”, “aos quais a autora se refere e dos quais participou [e que] aparecem como espaços privilegiados de troca entre diferentes, de busca de uma formação que pudesse contribuir para potencializar as práticas com alunos, as reflexões dos participantes e a instauração de diálogos entre problemas e soluções inventadas por cada um nos seus fazeres cotidianos. É uma experiência que surge a partir de um projeto de pesquisa, mas que, em nenhum momento, se deixa enganar pela hierarquização entre os participantes, enfrentando-a sempre, na busca da construção de um só projeto, coletivo.

Fazer a resenha da coleção *O sentido da escola* foi uma tarefa tão árdua quanto prazerosa. Árdua pelo volume de trabalho, as muitas releituras que tiveram que ser feitas, e as sínteses

necessárias e, muitas e muitas vezes, bem difíceis de serem conseguidas. Prazerosa, muito
prazerosa, até pelo volume de trabalho, pois me permitiu matar muitas saudades das pessoas amigas
com as quais caminhei nessas conversas nos momentos mesmos em que elas foram feitas, porque
me trouxe a compreensão de que preciso retomar muitas dessas reflexões, reestudar, mas,
principalmente, porque pude, mais uma vez, pensar junto com Regina Leite Garcia e Nilda Alves,
que criaram esta coleção para que pudesse abrigar a todos nós que, como elas, estudam e
gostamprecisam comunicar suas reflexões, suas dúvidas, suas incertezas e os caminhos que
percorreram nessa busca coletiva de conhecimentos.

Paramos em trinta volumes, que permanecerão por muito tempo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (1)
- _____; GARCIA, Regina Leite. (Orgs.). *A invenção da escola de cada dia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (13)
- _____; SGARBI, Paulo. (Orgs.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (19)
- AZEVEDO, Joanir Gomes; ALVES, Neila Guimarães. (Orgs.). *Formação de professores: possibilidades do imprevisível*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. (29)
- BASTOS, João Baptista. (Org.). *Gestão democrática*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (6)
- BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunha; MAYRINK VEIGA, Sandra. (Orgs.). *Afinal, que país é este?* Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (5)
- CARRANO, Paulo Cesar R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (9)
- ESTEBAN, Maria Teresa. (Org.). *Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (4)
- _____; ZACCUR, Edwiges. (Orgs.). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (25)
- FILÉ, Valter. (Org.). *Batuques, fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (14)
- FOERSTER, Heinz von. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. (Orgs.). *A experiência do trabalho e a educação básica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (27)
- GARCIA, Regina Leite. (Org.). *Múltiplas linguagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a. (12)
- _____. (Org.). *Aprendendo com os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b. (11)
- _____; LEITE FILHO, Aristeo. (Orgs.). *Em defesa da educação infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001a. (17)
- _____. (Org.). *O corpo que fala dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001b. (21)
- _____. (Org.). *Crianças: essas tão desconhecidas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (23)
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002.
- LEITE, Márcia; FILÉ, Valter. (Orgs.). *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (26)
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). *Democracia no cotidiano da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (8)
- _____; SGARBI, Paulo. (Orgs.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (18)
- _____; _____. (Orgs.). *Redes culturais, diversidade e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (24)
- OLIVEIRA, Inês Barbosa; DINIZ, Reinaldo Ramos. (Orgs.). *Ação sindical, ação educativa e produção acadêmica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. (28)
- _____; PAIVA, Jane. (Orgs.). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. (30)
- REIGOTA, Marcos. (Org.). *Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (3)
- TRINDADE, Azoilda Loretto; SANTOS, Rafael. (Orgs.). *Multiculturalismo: mil e uma facetas da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (2)
- VALLA, Victor. (Org.). *Saúde e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (10)
- _____. (Org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (20)
- VALLE, Lílian. (Org.). *O mesmo e o outro da cidadania*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (16)
- VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. (Org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (15)
- VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange Catellano Fernandes. (Orgs.). *Cultura e conhecimento de professoras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (22)
- ZACCUR, Edwiges. (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (7)